

A EPISTEMOLOGIA DE PLATÃO

Marcelo Fabri

Licenciado em Filosofia – PUCCAMP

1. A IMAGEM DA CAVERNA

Já foi dito que a filosofia ocidental não passa de notas de pé de página sobre a filosofia de Platão (Whitehead). Longe de nós querer confirmar este dito. Só uma palavra queremos dizer sobre isso: “Mais de dois mil anos já se passaram desde o dia em que Platão ocupava o centro do universo espiritual da Grécia e em que todos os olhares convergiam para a sua Academia, e ainda hoje se continua a definir o caráter de uma filosofia, seja ela qual for, pela sua relação com aquele filósofo”¹. Creio ser desnecessário, depois disso, justificar nossa escolha.

Certo, a filosofia platônica desvia-se da atitude dos pensadores pré-socráticos na investigação da **physis**. Na sua busca da verdade, Platão se esforça por realizar a comunidade perfeita, uma espécie de “espaço” onde se realizaria a suprema virtude humana. Neste ponto vemos a nítida posição socrática em relação aos assuntos humanos. Aspira-se à “finalidade da vida”. É preciso dar ao homem condições para alcançar o fim autêntico de sua existência.

Em primeiro lugar, quando estudamos a epistemologia platônica, não podemos omitir seu conflito com a sofística. Os sofistas vão operar aquilo que poderíamos chamar de uma separação entre **physis** e **nomos**. Contrapondo-se a isto, Platão faz referência ao **paradigma**, ao **modelo absoluto**, dos quais temos uma lembrança em potencial. Já protágoras nos fala da **physis** destituída de **nomos**. Os homens inventaram a religião, a linguagem, as leis, etc. O que há são convenções. Ao natural se opõe o arbitrário. Contra isso se coloca Platão, esforçando-se por reintegrar a separação estabelecida pela sofística.

No que diz respeito ao problema da verdade, creio ser bem conhecida a célebre alegoria da caverna de Platão. Os homens estariam acorrentados em uma caverna, acostumados a ver somente as imagens refletidas na parede, tendo como “verdadeiras” estas imagens. Para esses homens acorrentados, o “real” são as sombras. As coisas mesmas, as “idéias”, estão lá fora: a luz, os homens, as árvores, etc. Tudo o que se

observa na caverna são sombras, reflexos, desse mundo perfeito, verdadeiro. O homem é cativo, mas não sabe disso. Ignora o fato. Acredita que o que vê refletido seja o real por excelência.

Há, entretanto, a possibilidade de sair da prisão. Os olhos devem, para tanto, acostumar-se à claridade da luz do sol. É preciso adaptar-se, lentamente, progressivamente, a esta nova condição. Tudo deve vir a seu tempo, pois o que está em jogo é o próprio "ser" do homem. Jaeger diz: "A posição que esta (a filosofia platônica) ocupa na história dos sistemas do pensamento grego é caracterizada pelo fato de ser uma **paidéia** que aspira a resolver, com a mais vasta ambição, o problema da educação do Homem"². Trata-se de uma mudança essencial na vida humana. Uma passagem, se se quer, da "não-formação" à "formação". Todo o vigor desta alegoria está justamente em mostrar que não se trata de um depósito de conteúdos de conhecimentos, mas de uma transfiguração da própria alma. Eis a união da **paidéia** e **alétheia**.

Com relação aos olhos ainda ofuscados devemos dizer o seguinte: aquele que sai da caverna deverá ver as coisas de maneira confusa e embaraçada. Há, portanto, o perigo de considerar as imagens refletidas na caverna como mais "reais" do que o caos aparente. Além disso não devemos esquecer, também, outro ponto importante em relação a este mito. Trata-se da "volta" à caverna, a fim de livrar os demais que estão acorrentados. Tarefa difícil. Risco de morte. Não foi isso que aconteceu com Sócrates? Tal a dimensão pedagógica da filosofia platônica.

Mas, enfim, o que é que, segundo Platão, permite o conhecimento das idéias? Como é possível que a verdade se manifeste?

"Fica sabendo que o que transmite a verdade aos objetos cognoscíveis e dá ao sujeito que conhece esse poder, é a idéia do bem. Entende que é ela a causa do saber e da verdade, na medida em que esta é conhecida, mas, sendo ambos assim belos, o saber e a verdade, terás razão em pensar que há algo de mais belo ainda do que eles"³.

Platão estabelece uma analogia entre o sol e a idéia do bem, mas é preciso nos deter um pouco no que consiste tal idéia. A idéia do Bem, semelhante à luz do sol, é aquela que torna possível o conhecimento das demais. Mais ainda: é a idéia do Bem que propicia o aparecimento das outras idéias.

"Reconhecerás que o Sol proporciona às coisas visíveis, não só, segundo julgo, a faculdade de serem vistas, mas também a sua gênese, crescimento e alimentação, sem que seja ele mesmo a gênese"⁴.

O Bem está acima do Ser. A possibilidade de os objetos do conhecimento serem conhecidos lhes é proporcionada por esta idéia.

Estamos falando, com Platão, da idéia de Bem como fonte de possibilidade, possibilidade de “desvelamento”, da alétheia.

“(...) no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a idéia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública”⁵.

1.2. Platão e Heidegger

Depois da difícil saída da caverna, nossa vista se dirige para aquilo que realmente deve ser visto. É preciso **dirigir** o olhar para o real, o verdadeiro. Neste sentido, nas linhas do pensamento de Heidegger, em lugar da intuição original dos gregos que apreendia o ser das coisas como sendo um poder desvelador, desdobrador, a teoria das idéias de Platão reduz esse ser a traços inertes da realidade que, seguramente, expressa o status essencial do real mas também, e por esta razão, comete injustiça para com o genuíno ser das coisas. É o homem quem assume, em Platão, o papel que na verdade deveria ser atribuído ao próprio Ser. A teoria das idéias promove, segundo Heidegger, o poder absoluto do homem que passa a manifestar-se na emergência concorrente da subjetividade e objetividade, fatores estes que irão dominar o pensamento ocidental. Para os gregos as raízes-significantes das palavras escolhidas ainda não tinham sido soterradas sob as camadas dos conceitos formalizados tais como os encontramos no pensamento ocidental subsequente. Nesta raiz-significante a palavra eidos significa: vista, aspecto, objeto de percepção. Aceitando a palavra-chave para a natureza do ser, Platão chega de fato a conceber o ser das coisas em termos de vista, aspectos ou objetos percebidos que as coisas ostentam. Mas somente o que pode ser visto e observado como um aspecto poderá ser tido como o ser da coisa, e tudo o mais será excluído como não-ser ou, quando muito, como uma aparência.

Vamos recapitular. A idéia do Bem surge, a princípio, como possibilidade da alétheia, do desvelamento. Em seguida, é o eidos que, sobrepondo-se à alétheia, ocupa o primeiro plano. O critério de verdade são as idéias. Mesmo a palavra “objeto”, que ganhou uma enorme proeminência no pensamento ocidental, adquiriu essa proeminência, segundo Heidegger, somente em virtude do espírito subjacente do eidos.

2. PLATÃO E OS MITOS

Uma outra questão que podemos levantar sobre a epistemologia platônica refere-se à relação entre o mito e a dialética. Vamos explicar.

Platão recebe nítida influência "órfico" pitagórica em sua filosofia. Uma vez postulado o universo arquetípico das idéias, era mister explicar como e quando os homens tiveram contato com essa realidade. As doutrinas órficas vão, assim, servir de base para a explicação do destino da alma.

Há que se ler o belíssimo diálogo **Fedro**, onde o primeiro princípio do Cosmo é declarado idêntico ao primeiro princípio da alma. Neste diálogo temos duas imagens míticas da alma. A primeira refere-se a um cocheiro que conduz seu carro; e a segunda é a imagem das "asas da alma"⁶. Recuperando uma tradição órfico-pitagórica, Platão transpõe o plano religioso do ritual para a práxis da vida pitagórica, no pitagorismo, e para uma teologia mito-poética, no orfismo⁷. Assim, Segundo Eudoro de Souza, "Platão é o primeiro filósofo da Grécia que faz da 'expressão' original mistério religioso uma decidida 'aplicação' à expressão do mistério gnosiológico"⁸.

Não pretendemos, de modo algum, atribuir a Platão a construção de uma doutrina esotérica, diversa daquela relatada em seus livros. Atendemos somente para os **motivos** míticos, o pano de fundo sobre o qual o pensamento se constrói. "Transposição intelectual do mistério", diz Eudoro de Souza.

"A dialética, pela qual se 'friccionam, uns contra os outros, nomes, definições, etc.', tornou-se numa *áskesis*, na preparação de uma *visão*; só que esta não se efetua agora através do desempenho do drama ritual dos mistérios religiosos, mas sim do exercício puramente intelectual do pensamento lógico-discursivo"⁹.

Por que Platão apela para os mitos na elaboração do conhecimento filosófico? Ao que parece, Platão teve a intenção de integrar duas correntes de pensamento, quais sejam, a religião dos mistérios e a especulação naturalística. A expressão lógica é, muitas vezes, insuficiente. Trata-se de uma tarefa de harmonização, se se quer, entre formas distintas de expressão. Nesse composto, o mito, mesmo pressupondo o pensamento conceptual, representa-se por uma narrativa não apreensível pelo pensamento conceptual puro.

3. A DIALÉTICA

Já tratamos, num primeiro momento, da idéia do Bem e do que ela representa no pensamento platônico. Falamos, outrossim, de uma

sobreposição do **eidos** em relação à **alétheia** (Heidegger). Num segundo momento, seguindo o raciocínio de Eudoro de Souza, mencionamos a chamada "transposição intelectual do mistério", lembrando sempre as afinidades e influências de um arcabouço mítico na epistemologia de Platão. Pois bem. Chegamos ao momento de abordarmos a dialética propriamente dita. Em que consiste tal "exercício"? Ora, para se obter um conhecimento exato, rigoroso, o fim supremo de toda conduta humana, é necessário, segundo Platão, orientarmo-nos através da ciência da dialética, elaborada a partir da arte socrática do diálogo.

Antes, porém, cumpre-nos salientar mais uma vez que a meta suprema para a qual o espírito deve se dirigir é, sem dúvida nenhuma, a idéia de Bem, uma vez que, sem o conhecimento desta idéia, qualquer outro saber não teria nenhuma utilidade ou sentido. Tudo aquilo que é "bom", "belo", etc., somente o é em virtude de uma **participação** na idéia do Bem.

Mas não devemos pressupor que a aquisição do conhecimento seja coisa fácil, sem nenhuma implicação na existência humana concreta. Queremos dizer que:

"A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos bem"¹⁰.

Trataremos, agora, de definir os pontos essenciais da dialética platônica. Lembremos, todavia, que é de importância fundamental termos ciência do tema da **participação**, que implica, por sua vez, na problemática do ser.

3.1. Eros e Episteme

O diálogo **Fedro** se inicia com uma bela descrição: Sócrates é levado por Fedro para longe das portas da cidade; estão às margens do Rio Iliso, e a paisagem é maravilhosa. Cassirer diz: "Platão reproduz até aos menores detalhes a paisagem onde se desenrola esta cena; para mais, sobre essa representação flutua um brilho e um perfume como raramente se encontra nas descrições da natureza na antiguidade."¹¹. À sombra de um plátano, sentindo as delícias de um manancial refrescante, a brisa estival vem acariciar os corpos dos dois "amantes"; o ar está repleto do canto das cigarras.

O primeiro fato que nos chama a atenção é a metáfora do **caminhar juntos**. Certo, a inspiração filosófica vem beber nesta fonte, a fonte refrescante do “delírio amoroso”. De que se trata? Émile Bréhier diz¹² que a filosofia, em Platão, não é meditação solitária, “mas geração espiritual na alma do discípulo, já que ‘não se engendra senão no belo’ e sob a influência do amor” (Banquete, 206c). O delírio amoroso é a reverberação de uma alma que, no mundo sensível, reconhece a imagem da beleza eterna, já conhecida um dia, no momento em que esta mesma alma acompanhava o cortejo dos deuses para além de abóbada celeste, a fim de contemplar, nem que fosse por alguns momentos, a verdadeira e maravilhosa realidade, o mundo eterno e perfeito, o mundo inteligível¹³.

Esta inspiração vem mostrar claramente o fundo afetivo da epistemologia platônica. Não se trata de um método especificamente intelectual. Na verdade, esse mito da alma revela toda uma trajetória espiritual, onde, depois de decaída, a alma torna-se prisioneira da caverna escura. As costas estão voltadas para a luz. E é através do exercício da dialética que poderemos voltar nossos olhos para esta luz. Árdua tarefa, traumática até, semelhante ao nascimento.

3.2. A Dialética Propriamente Dita

Há a necessidade de se ultrapassar, segundo Platão, a tese de Parmênides segundo a qual o ser permanece sempre fixo, não vive, nem pensa, e é vazio de inteligência¹⁴. Por outro lado, é mister, outrossim, rejeitar a hipótese de um mobilismo puro, uma vez que só há ciência do universal. Nem a imobilidade do todo, nem o movimento do ser em todos os sentidos. Como solucionar esse problema?

O que é o ser? Ora, o ser não pode ser não pode ser nem repouso absoluto nem movimento permanente. Diz gerd Bornheim; “A superação do impasse só pode estar no reconhecimento de que o ser é um terceiro termo, que compreende em si os dois primeiros”¹⁵.

Platão vai, assim, estabelecer uma relação entre ser e não-ser, utilizando, para tanto, o problema da predicação. Há, por assim dizer, uma participação entre o sujeito e os predicados, entre o ser e o não-ser. Exemplo: ao dizermos que o homem é bom, atribuímos algo ao ser-homem, embora o ser-homem não seja o ser-bom. A questão é: como é possível essa participação?

Certo, não é possível uma comunicação de tudo com tudo, nem tampouco a posição contrária. É preciso compreender que algumas coisas participam de certas coisas. É por isso que é possível a participação entre ser e não-ser.

A dialética divide por gêneros a realidade, e ensina a “não tomar por outra uma forma que é a mesma, nem pela mesma uma forma que é outra”¹⁶. É preciso encontrar a participação certa, a correlação exata. “O ser está na relação, diz Bornheim, o ser só é na relação”¹⁷ Assim “o ser não é apenas a mobilidade e a imobilidade, e sim aquilo que estes dois termos apresentam de comum”¹⁸.

Na verdade o que está em jogo é a compreensão de como o real se articula, ou seja, a realidade é, em si mesma, dialética. O ser como que “corre” entre os gêneros.

Uma questão importante levantada por Bornheim se configura da seguinte forma: se Platão concebe o ser como terceiro termo, como relação, temos que o movimento e o repouso não são termos absolutos. Se assim é, já não anteciparia isso a essência da contradição, daquilo que é e não é, ao mesmo tempo? Devemos, portanto, elucidar aquilo que Platão entende por realidade. Para Platão a realidade é a idéia, eidos, o mundo arquetípico, o modelo absoluto. Não se trata de fazer uma dialética das aparências (sofística), senão tentar libertar-se dessas aparências. A dialética não se restringe, portanto, ao mundo sensível, mas aos “objetos que só o raciocínio pode atingir”¹⁹.

O tema da participação vai, por sua vez, suscitar o da separação. Explico. A participação implica numa separação, uma vez que o filósofo deve, cada vez mais, separar-se de suas impressões sensíveis, colocando, por isso mesmo, a alma em uma postura metafísica.

O que a dialética deve proporcionar é justamente “o abandono do sensível a favor da idéia”²⁰. O filósofo deve superar o elemento negativo, ou seja, a finitude. O ser corre através dos gêneros supremos, garantindo certa unidade, isto é, a transcendência das idéias estabelece uma espécie de unidade em relação à multiplicidade do mundo sensível. Segundo Bornheim, o corolário dessa unidade é que há uma hierarquia no mundo inteligível, sendo a idéia do bem, já o dissemos, o ponto mais elevado desse universo arquetípico.

CONCLUSÃO

Nossa vida o que é? Somos seres exilados, estamos distante da verdadeira realidade. A dialética é o caminho, caminho que nos pode levar a reencontrar nossa verdadeira morada. É a questão do humano que está em jogo. O homem, fundamentando o conceito, se fundamenta. Mas isso é um caminhar (ver o início do Fedro), dialético, uma trajetória, que permitirá o acesso à filosofia.

“O espaço que se estende acima do céu não foi cantado ainda por nenhum poeta daqui de baixo e não será jamais cantado dignamente”²¹.

NOTAS

- (1) Werner Jaeger, **Paidéia**, pág. 401.
- (2) Werner Jaeger, **op. cit.**, pág. 407.
- (3) **República**, 509 a.
- (4) **República**, 509 b.
- (5) **República**, 517 b-c.
- (6) Ver maiores detalhes em ELIADE, Mircea, **História das Crenças e Idéias Religiosas**, Tomo II, vol. I. § 183.
- (7) Eudoro de SOUZA, Mito e Dialética em Platão, in **Dioniso em Creta e Outros Ensaios**, Duas Cidades, São Paulo, 1973, pág. 245.
- (8) *Ibid.*, pág. 246.
- (9) Eudoro de SOUZA, **op. cit.**, pág. 247.
- (10) **República**, 518 d.
- (11) **Mito e Linguagem**, pág. 5.
- (12)
- (13) Ver discurso de Sócrates, no **Fedro**, 244 b – 257 c.
- (14) Ver **Parmênides**, 249 c.
- (15) **Dialética, Teoria e Praxis**, pág. 30.
- (16) **Sofista**, 253 d.
- (17) **Op. cit.**, pág. 31.
- (18) *ib.*, pág. 32.
- (19) **Parmênides**, 130 a.
- (20) Bornheim, Gerd, **op. cit.**, pág. 37.
- (21) **Fedro**, 247 e.

BIBLIOGRAFIA

- BORNHEIM, Gerd, **Dialética, Teoria e Praxis**, Editora Globo, Porto Alegre, 1977.
- BRÉHIER, E. **História da Filosofia**, Mestre Jou, São Paulo, 1978.
- ELIADE, Mircea. **História das Crenças e Idéias Religiosas**, Zahar, Rio de Janeiro, 1983.
- HEIDEGGER, M., **Sobre o “Humanismo”**, Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1983.
- , **La Doctrine de Platon Sur la Vérité**, in Question II, Paris, Gallimard, 1978.
- JAEGER, W., **Paidéia, A Formação do Homem Grego**, Martins Fontes, São Paulo, 1986.

PLATÃO, **República**, Trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983.

_____, **Phèdre**, Trad. E. Chambry, Paris, Garnier, 1964.

_____, **Parménide**, Trad. E. Chambry, Paris, Garnier, 1964.

_____, **Sofista**, Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa, Abril Cultural, Os Pensadores, São Paulo, 1983.

SOUZA, Eudoro, de, **Dioniso em Creta e Outros Ensaios**, Duas Cidades, São Paulo, 1973.